

BIBLIOTECÁRIO UNIVERSITÁRIO: representações sociais da profissão

UNIVERSITY LIBRARIAN: social representations of the profession

**Maria Catarina Cury¹
Maria Solange Pereira Ribeiro²
Nirlei Maria Oliveira³**

Resumo

Poder da informação, interface com o usuário, guardião do saber são as principais metáforas da profissão que permeiam as representações sociais que os bibliotecários universitários constroem nas imagens de si e do outro. A pesquisa buscou em Roger Chartier o conceito de representação e a distinção entre representação e representado uma vez que as representações dos bibliotecários estão por suposição em um campo de competências e concorrências onde os desafios se enunciam em termos de poder, dominação e identificação profissional.

Palavras-chave

**BIBLIOTECÁRIO UNIVERSITÁRIO – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS
BIBLIOTECÁRIO UNIVERSITÁRIO – METÁFORAS
BIBLIOTECÁRIO – RELAÇÕES DE PODER**

A modificação dos instrumentos culturais na história da humanidade, apresenta-se como uma crise colocada ao modelo cultural precedente, via de regra, como uma modificação ao *status quo* estabelecido. Uma das questões, trata exatamente de reconhecer ou identificar as descontinuidades⁴ que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais, estas consideravelmente mais dinâmicas em relação a outros sistemas pré-modernos, por outro lado, não se pode negar a extrema rapidez da mudança na modernidade, de maneira mais óbvia no que diz respeito à tecnologia, permeando entretanto outras esferas.

A chegada de uma sociedade de formiga, começou com as massas, e assim, foram elas as primeiras a serem submetidas ao enquadramento da razão niveladora. A cultura, nesta perspectiva, fornece imagens e modelos que dão forma às novas aspirações individuais que modificam a linguagem ordinária. O problema não diz respeito somente aos processos de efetiva produção, mas coloca em causa o estatuto individual nos sistemas técnicos. À medida do avanço da expansão tecnocrática diminui o investimento do indivíduo, sempre menos envolvido por esses amplos enquadramentos. O fluxo subiu e atingiu os intelectuais possuidores dos saberes gerados por eles mesmos e absorvidos no sistema. As águas desse fluxo, hoje transformadas em

¹ Professora/SENAC. Doutoranda em Educação - PUC

² Bibliotecária da UNICAMP. Doutoranda em Educação - USP

³ Bibliotecária no CREUPI. Doutoranda em Semiótica - PUC

⁴ Ver GIDDENS, Anthony. As Conseqüências da Modernidade.p.13-16.São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

metáforas de uma disseminação da língua que não tem mais autor, tornaram-se o discurso indefinido do outro. Sobre um outro plano, as imagens se aproximam do real, transformadas em ideais, fazem-se modelos que incitam certa *práxis*. Um grande impulso do imaginário em direção ao real tende a propor mitos de auto-realização e uma ideologia com receitas práticas para o bem-estar dessa *práxis*. Esse conceito de aproximação do coletivo, a exemplo das formigas, traz implícita a idéia divulgada por Michel de Certeau sobre a modificação da relação da cultura com a sociedade. Por esse motivo, podemos compreender essa aproximação como uma provocação ao singular e extraordinário.

Essas maneiras de fazer⁵ constituem as variadas práticas cotidianas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural ; e estabelecem um contrato com o outro numa rede de lugares e relações com e na economia cultural dominante usando para tanto inúmeras e diversas transformações, segundo suas próprias regras. O trabalho com as representações de um determinado grupo social permite apreender, pelo conhecimento dos objetos sociais, o uso que dele fazem os indivíduos ou os grupos. A sociedade está mudando, não apenas mudando o mercado de trabalho; antes, a cultura não mais se restringe a um grupo social nem é uma propriedade particular das especialidades profissionais como os docentes, bibliotecários, gerentes, profissionais liberais. A cultura não é mais estável e definida por um código aceito por todos. Em uma visão histórico-materialista a ordem é inversa, a mudança do mercado de trabalho muda também a sociedade. Se as mudanças caminham na sociedade alterando seus fluxos e influxos, acabam por acontecer nas diversas áreas de conhecimento e nos fazeres técnicos, acabam portanto, a acontecer no fazer biblioteconômico.

A proposta do presente trabalho é compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor a sua concepção do mundo sócio-cultural, e o espaço a ser decifrado nas representações do bibliotecário. Neste empreendimento valemo-nos da conceituação de Roger Chartier sobre as representações coletivas construídas conforme as variáveis sociais ou meios intelectuais. São estas habitualmente produzidas por disposições compartilhadas e próprias de um determinado grupo. Há que se considerar ainda, a forma sob a qual se realiza o discurso interior e os seus laços com a situação social. As impressões globais⁶ dessas unidades do discurso interior estão ligadas e se sucedem umas às outras não segundo as regras da lógica, mas segundo a apreciação (do emocional) numa estreita dependência das condições históricas da situação social e da *práxis* existencial. Por isso, a importância de se relacionar os discursos proferidos na pesquisa com o locus de quem os utilizou. A existência de práticas sociais revestidas de uma lógica autônoma e que não podem ser reduzidas a representações, implica tornar operatórios o saber biblioteconômico e o conjunto de formas de apropriação. As representações traduzem suas posições, aspirações e interesses, confrontados objetivamente e, ao mesmo tempo, descrevem o meio social do trabalho tal como pensam que ele é, ou como gostariam que fosse.

Considera-se aqui toda forma de apropriação desigual. As representações se colocam num campo de concorrências e de competições em que os desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações assumem importância semelhante às lutas econômicas e localizam ou definem pontos de afrontamentos tão mais decisivos quanto menos materiais; tanto mais ideológicos quanto mais informacionais. Por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas a partir

⁵ CERTEAU, Michel de .A invenção do cotidiano. São Paulo: Vozes,1994.p.41. As *maneiras de fazer*, para o referido autor, estão nas formalidades das práticas, e a relação sempre social, determina seus termos.

⁶ BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997, p.63.

de seus representantes (coletivo ou pessoas) marcam de forma visível as representações do grupo, da classe social ou da comunidade de representados

. As estruturas definidas pelas representações não são dados objetivos. São todas elas historicamente produzidas pelas práticas articuladas quer sejam sociais, políticas ou discursivas que constroem as suas figuras. Conseqüentemente, "*(...) o signo ideológico se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes*"⁷, e é este entrecruzamento de índices de valor, na verdade, que define a mobilidade do signo e sua capacidade de evolução. Se subtraído às tensões da luta social se degenerará em alegoria deixando de ser instrumento racional e vivo para a sociedade.

Como conseqüência deste entrecruzamento podemos caracterizar as práticas discursivas como produtoras de divisões e ordenamento, ao mesmo tempo que são práticas de apropriação cultural e têm suas determinações sociais. Dentre essas determinações, encontramos metáforas que tentam definir ou construir uma representação social do fazer biblioteconômico como marca do profissional, por meio de expressões já consagradas de si, para si como: o guardião do saber, intermediário/interface do conhecimento, intermediário/interface da informação.

No mundo contemporâneo dominado pela informação, o que conta não é só o músculo - saber-fazer - mas a informação - saber-saber - não só o saber organizar a produção, mas também o saber tratar a informação. Não significa, no entanto, que expresse o surgimento de um poder tecnocrático que domina uma pirâmide do saber, mas o torna conhecedor de competências que permitiriam compreender os meios pelos quais se pode transmitir a informação e não somente estocá-la. A divisão entre o fazer e o pensar define o funcionamento cotidiano da utilização da informação, assim como define o organizar a produção de forma eficaz e o tratar a informação seja para a indústria ou para o setor terciário.

O profissional bibliotecário tem-se destacado no fazer, organizar e estocar informações, fazeres estes, que legitimam seu valor na sociedade e criam um comportamento em que os princípios de ação denotam poder ao gerir representações positivas para a categoria. Na luta para dominar seu campo de ação e delimitar fronteiras entre áreas de conhecimento, o bibliotecário capitaliza saberes e conhecimentos que se objetivam em suas competências. Para Authier (1999) as competências são armas que se expressam como qualidades ou atributos humanos sendo portanto a competência, um conhecimento humano, um saber dominar uma atividade ou uma maneira de ser. Considera ainda que a única maneira de encontrar um sentido nas coisas é estar atento para o significado que cada pessoa atribui àquilo que faz e/ou conhece.

A representação do bibliotecário como aquele que detém o poder da informação, tem por base o conceito histórico da biblioteca como centro de poder. Em análise ampla, por todas as épocas se constata a presença do poder, pelas forças de controle, detenção e utilização dos meios de informação. Desta forma, as bibliotecas reconhecidas como instrumentos sociais pelos governantes, associam-se à idéia de serem depositárias de bens culturais. A imagem da biblioteca como poder, é uma relação estreita a nível ideológico fortemente marcada pela presença do político nela refletido, canalizando assim as representações políticas vigentes em determinado período. Como centro de poder, reflete invariavelmente as mudanças políticas. Ao longo da história, as bibliotecas são representações diretas das diversas mentalidades dominantes. Neste ponto de vista, cultura e poder são indissociados e conhecimento é sinônimo de poder e informação. Se na sociedade capitalista, a informação é mercadoria, ela explica e

⁷ idem, ibid.p.46.

acentua o distanciamento na relação desigual do conhecimento e do acesso a este conhecimento.

DAS METÁFORAS

Para os bibliotecários universitários, os significados dos seus fazeres são evidenciados em várias referências metafóricas, que, por vezes, são contraditórias mas que interseccionam e trazem à tona representações da profissão. Informação é poder, é uma metáfora comumente proferida pelo profissional e estabelece a importância do bibliotecário no espaço social informacional. O espaço de atuação do bibliotecário compreende o setor de referência e o setor de processamento técnico onde constatamos duas representações, embora estes dados não estivessem nos objetivos iniciais da pesquisa de estabelecer relações entre setores. Percebe-se uma divisão ideológica entre os setores permeada por uma luta simbólica entre o fazer da referência e o fazer do processamento técnico. O bibliotecário que atua no setor de processamento técnico - tratador da informação - opera no processo de produção por unidade em que é possível observar uma racionalização, em termos de tratamento padronizado da informação, com ritmo, regulação e interferência de constância, ou seja, um trabalho que se expressa pela “mão força”, sem nenhuma interferência no saber teórico. Neste setor, os profissionais possuem uma representação positiva da metáfora informação é poder, mesmo que na prática este poder aconteça nas micropartículas de informações padronizadas e operacionais. Ainda que o tratamento da informação se dê de forma fragmentada, há vontade de interferir e direcionar a informação para o usuário. Dominar a informação é o imaginário de poder no setor de processamento técnico.

Os bibliotecários do setor de referência possuem uma representação negativa da metáfora informação é poder. Este é um resultado inusitado tendo em vista que o profissional atua como disseminador da informação e opera em redes eletrônicas de informação, bancos de dados, bibliotecas virtuais etc.; entendendo-se como aquele que faz a informação circular. A representação negativa da metáfora informação é poder contraria o discurso que o bibliotecário de referência é o mais importante da biblioteca. Na verdade, os dois grupos operam no mesmo grau de importância sem qualquer interferência direta em conteúdos das informações por ele manuseadas, às vezes até desconhecem o valor intrínseco das mesmas. O movimento circular da informação no setor de referência, não agrega conhecimentos às informações solicitadas, na prática, torna o profissional empacotador e entregador de informações. O poder da informação está no poder que o usuário dá à informação recebida e não no entregar a informação, ou manuseá-la para passar a outrem.

Percebe-se entre os componentes de cada setor uma luta simbólica pelo poder, isto posto em domínios de pontos, vírgulas, ou por ser solicitado e reconhecido pelos usuários. Concretamente o profissional não exerce nenhum poder sobre a informação dada ao usuário, ou sobre a descrição dos registros bibliográficos. Para Lojkin (1999),

“(...) o poder da informação não se limita à estocagem e circulação de informações codificadas sistematizadas por programas de computador ou difundidas por mass-media, mas envolve, sim, sobretudo criação, acesso e intervenção sobre informações estratégicas - econômicas, políticas, científicas e ética. Pouco adianta estocar informações se não há possibilidade de intervir nelas.”

Desta forma, a luta simbólica entre setores se dá nas micropartículas do saber-fazer, ambos com rotinas diferenciadas e valores distintos sobre o seu fazer e o fazer do outro, ainda assim constituem-se em “mão força” .

A atuação dos grupos como “mão inteligente” requer uma desconstrução ou reconstrução do seu saber profissional. A “mão inteligente” expressa um profissional que domina não apenas conceitos de informática, mas atua em espaço sem divisão de trabalho manual e intelectual, com criatividade e acesso às informações estratégicas, no sentido de estar a par, intervir e participar de decisões. Como nos informa Lojkin (1999) “*para termos mão inteligente*” precisaríamos nos acostumar à idéia de que essa “mão” só se desenvolve “*junto a liberação da boca para falar.*”

Esse falar, traduzido num processo de comunicação (sem falhas e sem erros), requer um conhecimento que permita uma difusão da informação. Para tanto se faz necessário estar integrado num ambiente cultural mais amplo de comunicação, que o torna um mediador, aquele que faz a interface; termo originário da informática definido como: “*elemento que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou partes que não poderiam ser conectadas diretamente*”⁸. A expressão interface, quando empregada para definir funções de pessoas, revela um imaginário de tornar-se perfeito, produtivo, eficiente, servir o outro automaticamente, “ficar entre”, ser facilitador.

Esta interface é fortemente exercida com o usuário presencial que necessita de equipamentos e do bibliotecário, e ainda, carece da biblioteca tradicional. Este papel é disputado entre profissionais do mesmo setor que buscam o reconhecimento pelas atividades prestadas, estabelece-se assim, uma luta invisível para o exercício da interface, ou para ser aquele que conduz, ou ensina, ou encaminha, ou entrega papéis aos usuários.

A disputa por este papel não se dá mais entre os pares, mas entre diversos profissionais que dominam com eficácia esta tecnologia colocando em dúvida o futuro do bibliotecário mesmo como organizador do suporte informacional. Concordamos com Lojkin (1999, p. 292) quando menciona que:

“(...) uma crise de identidade em todas as categorias profissionais situadas em fronteiras móveis, categorias que são suporte; interface... experimentam uma perda de identidade e uma desqualificação de seu trabalho, sentindo-se reduzidos às condições de operários especializados da informática.”

Para angústia de muitos bibliotecários, o usuário remoto possui independência de recursos tecnológicos e conhecimentos suficientes que lhe permitem ter acesso à informação desejada. Com o advento da Internet, cada vez mais o usuário é colocado em contato com a interface amigável isto quase sempre na forma de *softwares* facilitadores de busca e acesso à informação. O universo de mídias e informação estão à disposição dos usuários no conforto de sua casa. Desta forma necessitam cada vez menos do bibliotecário para conduzi-los pelos caminhos e sendas dos catálogos, redes, bancos de dados, etc. enfim, daquele que conecta o usuário ao mundo informacional, como enfatiza Coelho Neto (1997):

“os caminhos que levam à fonte agora são inúmeros, não há mais guardas nas fronteiras para o saber se você está de posse da identidade ideológica, teológica ou doutrinária correta e não há mais nem mesmo as fronteiras...e as pessoas sabem muito bem o que querem. Se não sabem, descobrem logo”.

⁸ Definição extraída do Dicionário de Informática Inglês/Português. 4.ed. Rio de Janeiro: Sucessu, 1985.

O processo de interface deu origem a outras metáforas quanto à descrição da função do bibliotecário estimulados a acompanhar a modernização introduzida pela tecnologia de forma a exigir novas denominações para suas ocupações a saber: profissional da informação, gerente informacional, cientista da informação, etc.; com as tecnologias houve uma desestruturação do saber-fazer formal do bibliotecário, em especial com o aparecimento da Internet que vem colocando de lado todos os instrumentos de organização e de acesso à informação. O que se presencia na *práxis* cotidiana é um distanciamento entre o avanço das terminologias e o fazer gerencial, que na maioria das vezes se resume em questões meramente administrativas.

Nas várias representações que o bibliotecário faz de si já foi “filtro” ou censor de leituras. Com a evolução da biblioteca e respectiva abertura de acervo, tornou-se mediador entre o usuário e o material bibliográfico. Atualmente ele se vê fazendo a interface entre o usuário e a informação oriunda da parafernália tecnológica e disposta nas novas mídias. Para atuar com a informática e tentar atualizar sua *práxis*, o bibliotecário faz uma apropriação das metáforas maquinicas, para se autodenominar moderno, sem atentar para o verdadeiro sentido e a carga ideológica implícita no termo. Este profissional é um componente de ligação, entre o usuário e a informação, com seus fazeres ordinários automatizados. O computador dá uma aparência do novo, do moderno, mas este profissional ainda lida com instrumentos tal qual elaborados há um século. Não houve atualização dos instrumentos do fazer biblioteconômico, conforme Castro & Ribeiro (1997,p.22):

“(..) substituímos os velhos catálogos em fichas para a tela do computador, substituímos o empréstimo manual por código de barras. Em resumo, o que mudou? Provavelmente só utilizamos os novos recursos para agilizarmos as atividades (..) há um imaginário construído pelo e para o bibliotecário de que as novas tecnologias da informação engrandecem a profissão, resolvem velhos problemas de armazenamento e transferência de conhecimento. Este discurso serve para escamotear uma prática onde mudaram os meios, mas a essência é a mesma”.

A biblioteca, em passado remoto, era vista como instituição respeitável, um lugar sagrado e quase inacessível que se modifica à medida que as formas de organização social evoluem e alteram a mentalidade dominante. Sob o aspecto cultural a biblioteca estava ligada ao conhecimento da literatura, das artes e humanidades. Luz do saber - termo comumente designativo das bibliotecas como guardiãs do saber - implicava conhecimentos como possibilidade de restauração humanística da sociedade através do eruditismo e das filosofias, oriundas do iluminismo; o cultivo da instrução como forma de aprimoramento do espírito. Daí ser a biblioteca espaço de leitura instrutiva.

Na atualidade a biblioteca tem valor pelo que serve e não pelo que guarda na dimensão do verdadeiro e do belo, designada luz do saber, tesouro da humanidade assistido por um bibliotecário culto e sábio. Com a explosão informacional e tecnológica, a biblioteca coloca-se como um apêndice da escola/universidade, como lugar de acesso à informação imediata. O bibliotecário moderno está absorvido em técnicas de organização e tratamento da informação para disponibilizar nos aparelhos tecnológicos. Não está envolvido com as questões da cultura, nem da formação pedagógica e nem de relações humanas, tampouco são bibliotecários que sabem ler . Assim como nos informa Coelho Neto (1997, p. 29) a biblioteca não é mais um templo

único e nem o bibliotecário um oficiante sagrado pois, “... o bibliotecário que se forma hoje no Brasil é um bibliotecário generalista que descobre cada vez mais que não detém nenhum conhecimento específico”.

Para concluir, as metáforas que permeiam o imaginário dos bibliotecários, (informar é ter poder, guardião do saber, mediador da informação, cientista da informação, gerente informacional, etc.) explicitadas nesta pesquisa, não têm lugar no processo evolutivo por que passa a biblioteca. Explicamos: são metáforas que não condizem com a *práxis* e/ou formação do profissional para a atualidade. Isto posto, acreditamos que novas metáforas têm surgido com o avanço tecnológico e as conseqüentes mudanças na cultura organizacional.

Um retomar por parte do bibliotecário no sentido de atualizar seus paradigmas, se faz necessário, principalmente ajustá-los ao fazer comprometendo este fazer com o saber, o que possibilitará novas questões epistemológicas com o desenvolvimento de estudos, através de pesquisas inovadoras que permitam a aplicação de novos métodos, sem a repetição contínua daqueles já suficientemente experimentados. A inovação permitirá, quiçá, uma linha atual de pensamento para a Biblioteconomia.

Abstract

Power of information, interface with the user, guardian of knowledge, are the principal metaphors of the orifession permeating the social representations that university librarians construct in images of themselves and the other. The research made use of Roger Chartier's concept of representation and the distinction between representation and represented given that the representations of librarians are by supposition in a field of competencies and competition in which the challenges are announced in terms of power, domination and professional identification.

Key words

UNIVERSITY LIBRARIAN – SOCIAL REPRESENTATIONS

UNIVERSITY LIBRARIAN – METAPHORS

UNIVERSITY LIBRARIAN – RELATIONS OF POWER

Referências Bibliográficas

AUTHIER, Michel. A economia da competência. **Margem**, n. 8, p. 47- 51, dez. 1998

BAKHTIN, Mikhail . **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano: a artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

COELHO NETO, José Teixeira. As duas crises da biblioteconomia. **Transinformação**, v. 9, n. 1, p. 26-31, jan./abr. 1997.

DICIONÁRIO de informática inglês-português. 4. ed. Rio de Janeiro: SUCESSU, 1985

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira; CASTRO, César Augusto. Sociedade da informação: dilema para o bibliotecário. **Transinformação**, v. 9, n. 1, p. 17-25, jan./abr. 1997.